CHICO LOPES

FLORIR *no* ESCURO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
F. Carlos L.

PROJETO GRÁFICO
Dáblio Jotta

IMAGEM DA CAPA
Óleo "A ronda" de Chico Lopes - propriedade de Tirso Florence de Biasi

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864F LOPES, Chico. 1952 -
Florir no escuro / Cjico Lopes. -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

126 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-039-8

1. Poesia I. Título.

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Soleira

Para Newton Queiroz

Aquela escuridão, que eu não me esqueça
era toda ela a noite mais espessa,
o mais espesso susto, o que não cessa
de espantar e arder, assombração

Aquela escuridão, rua e portão
se abrindo para a casa ora afundada
em ondas de negror, em côncavo terror,
assim advertia: lembra não

Não lembra, pois é interdito
que alguém reveja o útero fatal
onde foi concebido, e não se pode
desvendar os mortos, sua sede,
sua ilimitada dor e seus pedidos

E era a voz do poço, o nó do vento
que atava cada passo, e era o pó
reconstituindo estátuas familiares,
reerguendo o pai, a mãe, o dó
de nunca ter havido um beijo só

Um beijo, brisa, fôlego, piedade,
um só olhar sem fogo de blasfêmia,
a trégua de uma chuva, o doce de uma fuga,
o belo que se quer, o amor que não se usa

Era só recuar, florir no escuro,
o medo a forçar a obediência
aos rigorosos vultos solitários
que escolhiam calar a partilhar

Eis que viver por alguns anos mais
será ter que esquecer, ter que evitar
poços de memória, rios de não
sem recobrar-se a senha
– um só talvez perdão

Décimo Círculo

Será sempre noite alta no meu canto
e falarei de amor como de um sonho
narrado por um louco a outro louco
no hospício sem medida onde sonhamos.
Será sempre noturna esta poesia
que buscará, exercitando treva,
desentranhar da noite o vago dia.

Corujas cantarão no mesmo canto
o agouro essencial, flauta de insônia,
esta cantiga de ninar fantasma
que abre a noite em cava hospedaria
trazendo lua, vento e galharia
até os corredores abstratos
e os quartos frios onde ciciam ratos.

Não haverá descanso, o meu segredo
terá de ser rompido medo a medo.
Verei em cada sombra uma ameaça
de confissão ou morte, perseguido
por um duplo encarregado de matar-me
a golpe de sussurro ou gargalhada
no brusco de uma esquina, no topo de uma escada.

Amor, ocupa meu desterro com teu eco
que, pertencendo a mim, eu só me invento
as mais escuras formas de pressentimento.
Sozinho, com que horrores me entretenho!
Socorro, pois o orgulho não respira
Piedade, que de mim eu não a tenho

Verme Ardente

Para Marcelo Adifa

Nós nunca fomos senão doentes,
nós somos a doença, o mal sem culpa,
mas sem remissão, a dor
intolerável convertida em hábito.
Sorrir putrefato, sorrir já sem lábios;
a vida interessa, o Inferno interessa,
a gula acende a lâmpada possessa.

Nós sempre fomos carne, carne de hospital,
carne interessada que a cruz não aplacou.
Viver dói cru e nunca basta
-*miserere nobis*, mas há festas
por toda parte, e a carne infatigável
reclama por mais carne, mais doença
e a solidão tem fome e a dor não pensa.

Nós sempre fomos carne, inconsciência
alerta para a meta que depressa escapa;
a infâmia nos engorda, um sol de pus
inunda de ouro dúbio os bares e as pocilgas.
Estamos sempre nus, sempre suspeitos

de lepra mesmo em meio a mil perfumes,
suspeitos de existir como existimos –
entre céu e cloaca, templo e latrina,
no limiar da flor que contamina.

Nós somos carne e peso, existir é denso,
a criatura é gás, suor, sangue, dejeto,
a criatura é queda que se apruma
precariamente em pose contra o vento.
Estátuas se erigem do excremento,
miasmas se convertem no etéreo,
a música quer ser limpa e o sopro erra
entre nesgas de céu e sete palmos de terra.

Assim, querendo ou não querendo, há o tumor
que anseia por inflar e absorver,
insiste a voz que canta rouca e falha
dos pulmões vazados, dos confins de palha.

Um quê de Paraíso comicha e espicaça,
se revolve inquieto, cúpido roedor.
É um verme ardente. Quer chamar-se amor.

A torre

Que é feito do homem raro
que escalou o impossível
num alpinismo de bicho
e foi isolar-se na torre
para melhor entender?

Sofre do mal das alturas,
da tristeza de poder
ser somente admirado,
de não ter uma paisagem
que não lhe esteja abaixo.

À noite conta os minutos
da insônia rica de sonhos,
maldizendo-se por falta
de um outro a quem doar
a verdade exasperante
que o elege e confina.

Quer contar: há muita luz
ali de onde nos fita,

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Bold 90g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em junho de 2016.